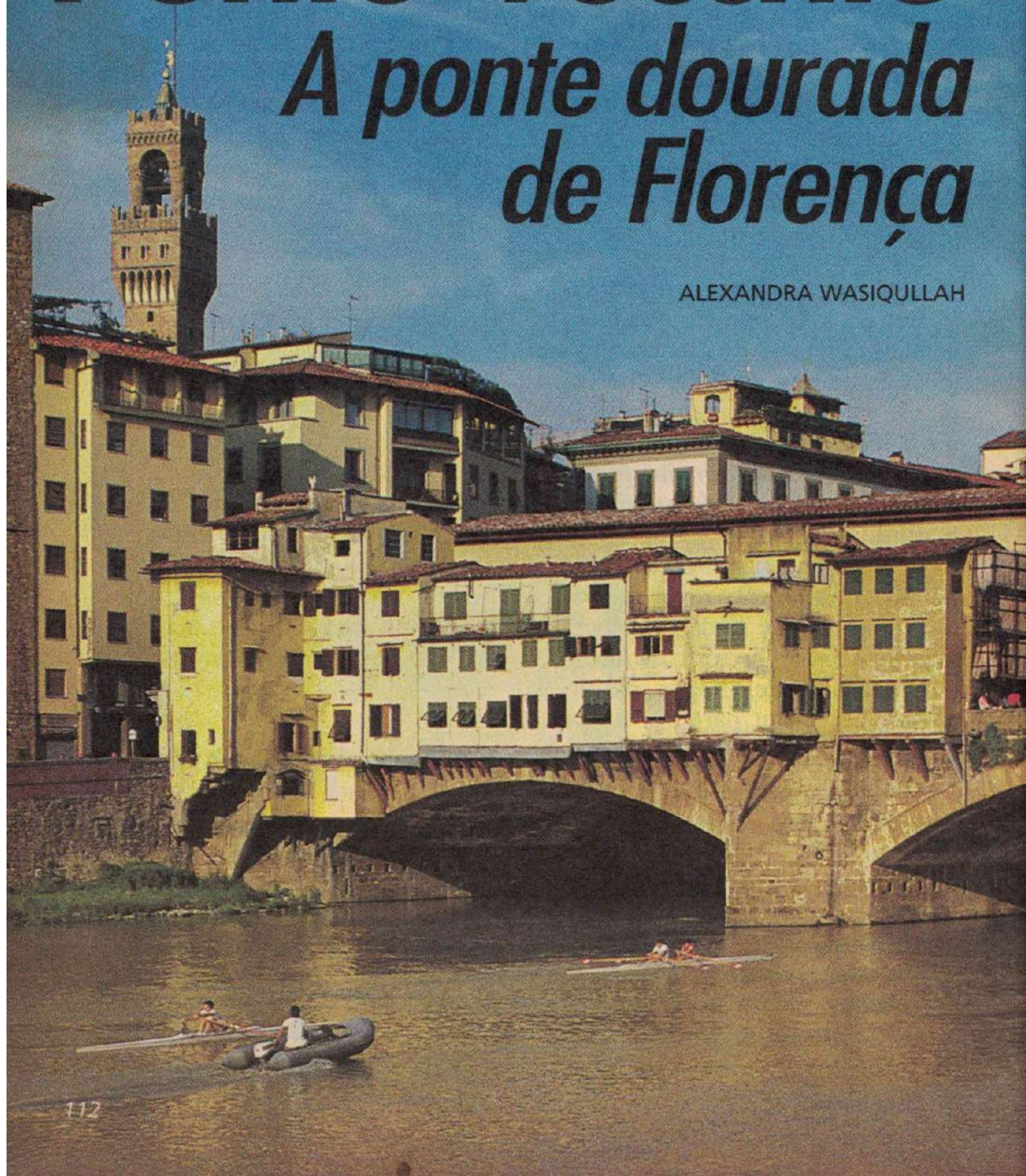


Cerca de dois milhões e meio de visitantes
vão a Florença, ano após ano, para ver a...

Ponte Vecchio

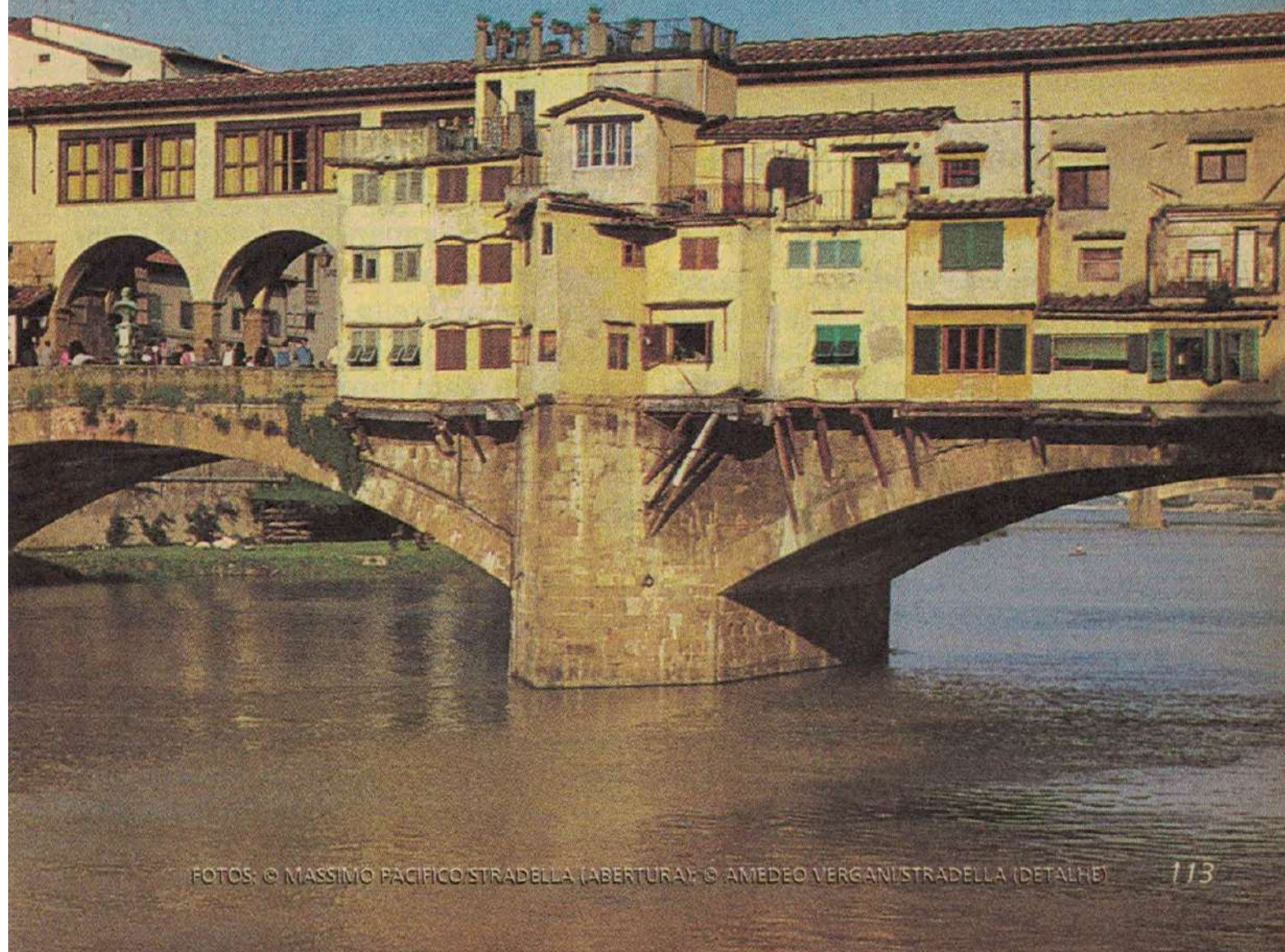
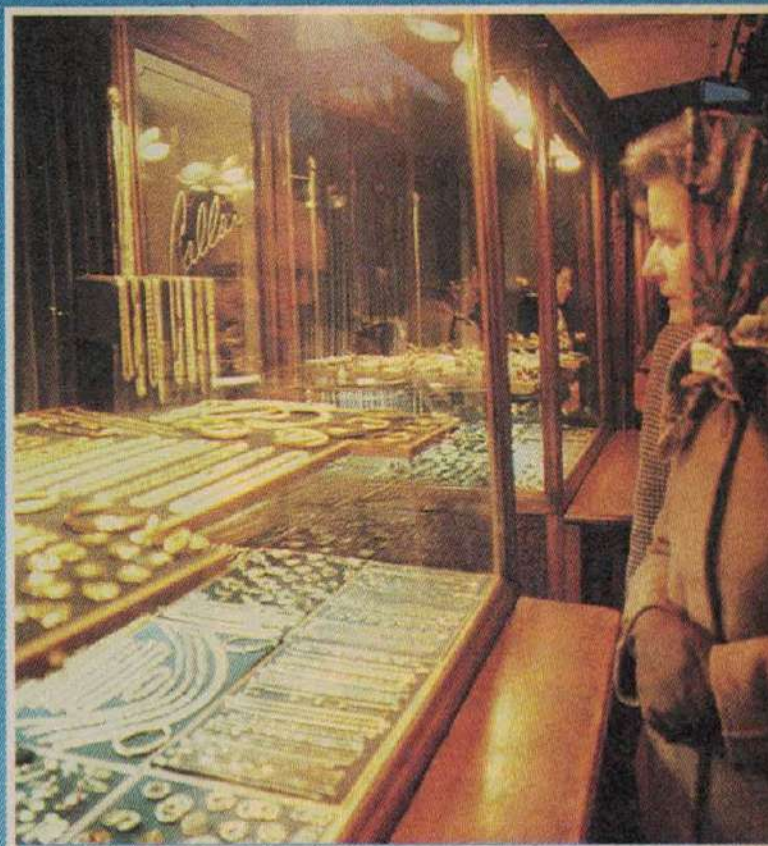
A ponte dourada de Florença

ALEXANDRA WASIQULLAH



O VERÃO DE 1944, Florença nunca esqueceria. Enquanto tropas aliadas abriam caminho lutando para o norte através da Itália, avançando contra linhas de defesa alemãs, forças nazistas que ocupavam a capital da Toscana estavam preparadas para colocar em ação mortíferos planos de contingência: se não conseguissem deter o avanço dos aliados, pelo menos haviam de retardar gravemente seu progresso, tornando o rio Arno barreira natural intransponível, fazendo explodir suas pontes.

Um batalhão de engenheiros

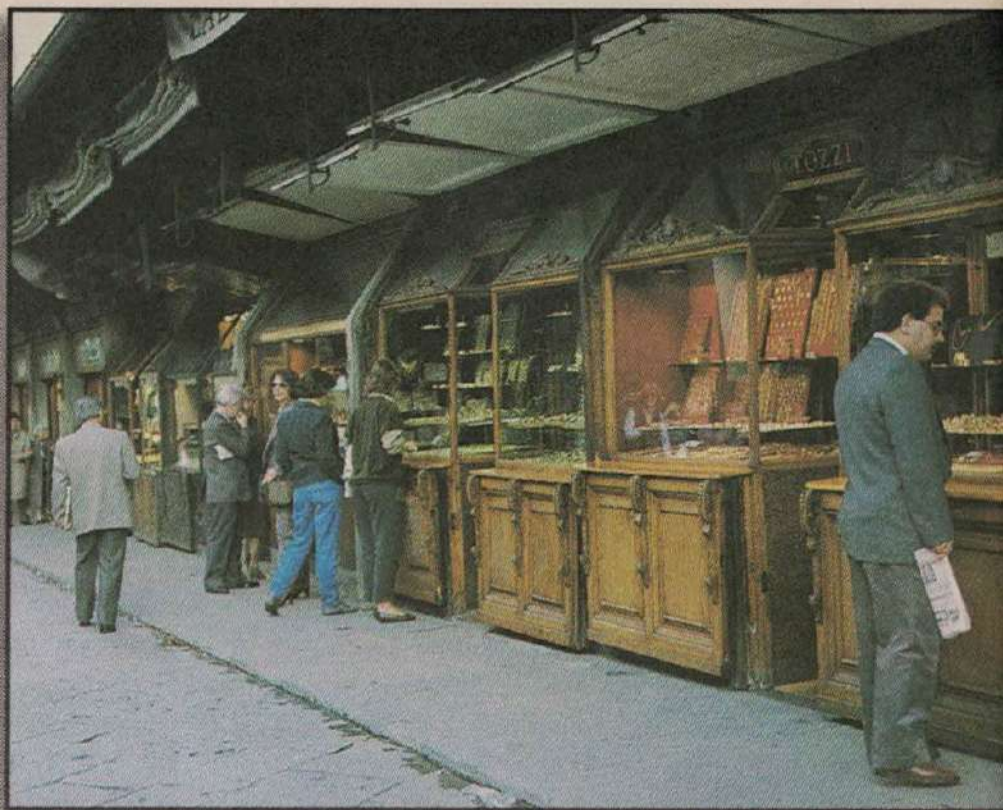


alemães chegou às pressas do norte da Itália no domingo, 30 de julho, e foi dada a ordem: todos os cidadãos que morassem às margens do Arno teriam de evacuar as casas antes do meio-dia.

Na manhã do dia 31 de julho, florentinos não tinham mais permissão para atravessar qualquer das pontes da cidade. Soldados alemães prenderam explosivos nas partes inferiores das pontes, bem como nas bases dos *palazzi* margeando o rio. Na famosa Ponte Vecchio – que perdurara durante séculos, mais do que qualquer outra da cidade, como passagem vital para os florentinos – os soldados talharam as pedras quadradas do calçamento, para instalar minas antipedestres.

O marechal de campo Albert Kesselring chegou no dia 3 de agosto. À noite começaram os ruídos. A primeira a explodir foi a Ponte alle Grazie, depois a Ponte San Niccol. Às quatro da madrugada as explosões tinham reduzido as pontes a escombros, todas destruídas. Todas, menos a Ponte Vecchio. Num telegrama confidencial o Alto Comando da Wehrmacht ordenara: “...não deverão ser tomadas medidas militares com relação a ‘il Vecchio’... quaisquer procedimentos já ordenados serão revogados imediatamente.”

A ponte mais querida do mundo, com apenas 9 metros de comprimento e margeada por uma fileira de joalherias pequeninas e reluzentes, apinha-



das como sardinhas em lata, sobrevivera milagrosamente. No Natal, apenas quatro meses depois, a Ponte Vecchio, abalada, voltou à vida como o espetáculo mais sedutor de Florença.

Os visitantes vêm não só para olhar cobiçosos a tradicional ourivesaria florentina, como também para apreciar as vistas incomparáveis da torre branca e rosa de Giotto, ao lado da catedral na margem direita do rio e San Miniato, com o Belvedere à esquerda. E, ainda, claro, para aproveitar a vida social ao ar livre, no meio da ponte, em todas as estações, como somente os italianos sabem fazer.

A PONTE VECCHIO e seus ocupantes são especialistas em matéria de dar a volta por cima. Na história longa e de imensa capacidade de recuperação, a ponte suportou inundações destruidoras e foi chamuscada pelo fogo nas bordas numerosas vezes. Para diante e

Turistas tiram fotos na Ponte Vecchio, ao lado do busto de Benvenuto Cellini. À esquerda, as joalherias fazem da ponte um lugar especial



reduzir a possibilidade de destroços se chocarem contra os pilonos.

A Ponte Vecchio fez parte da estrada vital que penetrava no coração de Florença, pedaço da própria estrutura urbana.

para trás, pelas trilhas da moda e da desonra, a Ponte Vecchio permanece o requintado emblema de Florença. Acredita-se terem sido os colonizadores romanos do século 1 A.C. os primeiros a atravessar o Arno, por meio de frágil ponte de madeira como parte da estrada norte-sul que ligava Roma a Florença.

O mais provável é que fosse feita de madeira apoiada sobre pilonos de pedra. Violentas inundações destruíram a travessia duas vezes, em 1177 e em 1333. Em ambas as ocasiões, florentinos a reconstruíram e aperfeiçoaram.

Os primeiros registros da ponte hoje conhecida como Ponte Vecchio datam do século 10 D.C. Naquela época, tinha sido mudada para local um pouco abaixo no rio, ponto mais estreito do Arno. Embora as pontes fossem construídas com cinco, sete ou nove arcos, no século 14 a Ponte Vecchio ostentava três: para permitir melhor fluxo de água e

Daí, o comércio passou a florescer sobre ela e à sua volta. No século 13 as lojas da Ponte Vecchio eram ocupadas – entre outros – por açougueiros e fabricantes de bolsas.

A OBRA TORNOU-SE “velha” entre 1218 e 1220, quando outras pontes foram construídas sobre o Arno, como a Ponte alla Carraia e a Ponte delle Grazie. Durante os anos 1200, havia modestas fachadas de madeira margeando parte da ponte. A despeito do nome “velha”, a ponte ganharia novo aspecto depois da inundação de 1333. A violência daquela catástrofe natural derubou todos, menos dois dos pilonos centrais que se destacavam no meio do Arno. O material destinado à reconstrução foi desviado para outro projeto ali perto, atrasando, assim, em 12 anos a reconstrução da Ponte Vecchio.

Por fim, em 1345, a ponte ressurgiu, dessa vez de pedra sólida e resistente.

As lojas também foram reconstruídas. Com 32 braçadas de largura (menos de 18 metros), passou a ter o dobro da largura original, para atender melhor ao aumento do tráfego. No dia 18 de julho de 1345, quando foi inaugurada, Giovanni Villani, cronista de Florença, registrou que tinha "...dois pilonos muito belos e ricos e três arcos que custaram vários florins de ouro..."

O vão adquiriu lindo aspecto simétrico, com quatro alas de arcadas de lojas, duas em cada flanco, interrompidas bem no centro por um mirante descoberto, de onde se podia apreciar a vista rio acima e rio abaixo. As lojas eram coroadas por remates decorativos, semelhantes aos parapeitos no alto de fortalezas e castelos.

A Ponte Vecchio tornou-se 'velha' entre 1218 e 1220, quando outras foram construídas sobre o Arno

Certo historiador, Goro Dati, escreveria: "Para onde quer que se olhe, há lindas lojinhas feitas de pedra bem delineada. Não parece que se está numa ponte, a não ser bem no meio, onde há uma piazza aberta, a partir da qual se vê a água abaixo." A nova construção custou 60 mil florins à cidade de Florença, dos quais as autoridades conseguiram recuperar 80 florins anualmente em aluguéis dos 43 comerciantes que ocuparam as lojas assim que a restauração ficou pronta.

COM O TEMPO (em 1495, 150 anos

depois), os edis da cidade se desfizeram da propriedade e venderam as lojas. Os açougueiros, não mais perseguidos pelas normas de zoneamento, fizeram a festa. Comprimitos pelos lados, eles se expandiram por sobre a água, para ganhar espaço. Uma série de anexos de formas estranhas floresceu nos fundos.

Parecia retrato da anarquia, como blocos de criança desordenados. Olhe só por cima do mirante: saliências perigosas, terraços inseridos, sacadas azulejadas, moradas a grandes alturas, enfeitadas de gerânios, cunhas penduradas de penhascos.

Em 1565, Cosimo de' Medici, grão-duque da Toscana, contratou Giorgio Vasari, arquiteto e historiador de arte,

para dar o último retoque na Ponte Vecchio. O trajeto dos gabinetes no Palazzo Vecchio à residência no Palácio Pitti, do outro lado do Arno, era caminho indigno, perigoso e aflitivo

para os Medici. Além disso, Francesco, filho de Cosimo, ia casar-se. O corredor particular parecia o meio mais imponente para a comitiva real ser levada de liteira de um lado para o outro do rio.

Foi construído corredor de 4 metros de largura (somente acima da Ponte Vecchio) e menos de um quilômetro de comprimento, no tempo recorde de seis meses. Do lado esquerdo, foi incluída pequena sacada particular, dando para o altar central da igreja de Santa Felicita. Dessa forma, os Medici podiam assistir à missa em bancos particu-

lares, sem serem observados pelos fiéis. Em intervalos regulares do Corredor foram instaladas janelas, apelidadas *ògli occhió* (os olhos). E também foi acrescentada pequena escada circular do Corredor dando para a atual joalheria T. Ristori.

Explica Renzo Nava, desenhista de peças em ouro de Ristori e chefe de vendas: “Por meio da escada – hoje bloqueada – os governantes Medici podiam passar anonimamente para se juntarem ao povo na ponte, se quisessem.” Giancarlo Fiordelmondo, jovem zelador das Galerias Uffizi, acompanha com regularidade visitantes por todos esses locais, bem como por uma das mais importantes coleções de auto-retratos do mundo. Rembrandt, Rubens, Andrea del Sarto e David fazem parte do roteiro diário. Fiordelmondo sorri ao ver como a história se repete no caminho. “Em virtude da falta de pessoal no museu, visitas ao Corredor ainda estão limitadas a muito poucos visitantes escolhidos, permanecendo elitistas. Eu mesmo espio por aqueles “olhos”, mas posso garantir que só o que vejo lá embaixo são grupos amigos. Muitos noivos vêm aqui para serem fotografados depois do casamento.”

EM 1593, cansado da imagem distorcida que se formara em torno da ponte, o grão-duque Ferdinando I declarou que “sendo o local freqüentado por cavalheiros e forasteiros”, todos os comerciantes teriam de mudar-se. De-

cretando que dali em diante somente ourives poderiam comerciar na Ponte Vecchio, Ferdinando limpou a ponte. Lojas exibiam artigos nas *madielle* que ainda sobreviviam – vitrines que se projetam acima da passagem e são embelezadas por remates, dobradiças e lingüetas de ferro decorado. E desde então a ponte resplandece em ouro.

“Mas não é só o negócio que nos mantém aqui”, garante o mestre artesão Giuliano Gaddi, em seu “ninho” num sótão dominando a água. Levantando os olhos de um anel de ouro e brilhantes que está ajustando, diz: “A vista que tenho da ponte e do rio está fixada nas retinas de meus olhos, depois de 40 anos de trabalho aqui.” E acrescenta, batendo nas paredes em



volta dele: “Esta ponte é coisa de família”, referência ao fato de que muitas vezes se atribui a Taddeo Gaddi a reconstrução da ponte no século 14.

Luigi Crementieri, 60 anos, que em 1956 foi o primeiro a subir pela escada estreita a seu laboratório de consertos de jóias ao lado do busto de Cellini, no meio da ponte, conta: “Eu podia ter me mudado há anos, porém gosto de estar bem no meio da História. Nem todos conseguem local de trabalho velho como este! Espero acabar meus dias aqui.”

Os ourives têm um santo padroei-

ro, Eligius, que teve a mesma profissão no século 6. No passado, ourives da Ponte Vecchio às vezes celebravam o guardião celeste em vários banquetes ao ar livre, com mesa comprida que ia de uma extremidade da ponte à outra. No Natal estendiam tapete vermelho para os pedestres. Na ponte também têm sido realizadas exposições de escultura, recepções, e até mesmo um concerto.

QUAL SERÁ, com precisão, o ingrediente mágico da ponte pitoresca que encanta não apenas as pessoas que moram nela, mas também dois milhões e meio de turistas que a visitam ano após ano? Afinal, pontes margeadas de lojas não são novidade. Gozaram de grande popularidade em todo o final da Idade Média, pois os rios eram muitas vezes parte vital das cidades. Além disso, dentro do perímetro murado das

cidades havia pouco espaço e as pontes eram consideradas bons locais de construção.

Giorgio Saviane, ilustre romancista nascido na Venécia, autor de cerca de vinte livros, fez lar em Florença há mais de meio século. Seu terraço do alto do prédio fica de frente para a Ponte Vecchio. É uma vista da qual ele nunca se cansa: "A ponte tem vida própria e está sempre mudando. É essa renovação contínua, seja a vida das aves girando em torno dela, ao alto, ou os rostos sempre diferentes que a atravessam em torrente, ou a mudança das cores de cada estação, ou o próprio Arno correndo sob seus arcos que tornam tudo tão sedutor."

Como beldade idosa que já posou para artistas durante grande parte de sua vida secular, ela continua a posar ali. Não há dúvida de que ainda o fará por muitos anos.



Encanamento 007

DOIS FISCAIS DE CONSTRUÇÃO foram investigar uma queixa de infiltração de água no telhado de um escritório. Lá em cima, procuraram sinais do problema e até deram uns pulinhos para testar a solidez. Estavam quase se convencendo que se tratava de um engano, quando o telhado cedeu sob os pés de um deles.

No meio de uma chuva de pedaços de teto e de estuque, ele foi aterrissar na sala de baixo, abalando a rotina do escritório. Ileso, mas desgrenhado, não tardou a se recompor. Apoiando-se num cotovelo, olhou calmamente para a secretária perplexa e disse:

– Meu nome é Bond; James Bond.

Noeleen Klopper, África do Sul

NÃO É MAIS POSSÍVEL APRENDER TUDO de cor. Um homem instruído não é mais o homem que sabe muitas coisas; é o homem que sabe onde buscar a informação.

Jacques Arsac, La Croix, Paris